

Beatriz Gil

**As rotas do viajante F.-R. de  
Chateaubriand**

## Resumo

Este artigo pretende analisar a importância da viagem na obra de F.-R. de Chateaubriand. Grande parte dos escritos do autor foi publicada durante os primeiros trinta anos do século XIX; Chateaubriand, ao inspirar-se em sua viagem à América e em suas peregrinações pelo Oriente para criar intrigas e personagens romanescas, empenha-se ao mesmo tempo em construir uma imagem literária, quase mítica, de um homem errante, em permanente exílio, atormentado pelas mudanças profundas e incertezas de uma nova França saída da Revolução de 1789. Sua literatura interroga-se sobre este novo tempo, seja utilizando figuras das culturas americanas indígenas, seja apresentando um escritor-viajante em constante transformação ao longo de suas viagens e de sua existência.

**Palavras-chave:** narrativas de viagem; literatura autobiográfica; F.-R. de Chateaubriand

## Résumé

Cet article se propose d'analyser le rôle du voyage dans l'œuvre de F.-R. de Chateaubriand. La plus grande partie des écrits de cet auteur est publiée pendant la première trentaine d'années du XIX<sup>ème</sup> siècle ; Chateaubriand, qui s'inspire de son voyage en Amérique et des pèlerinages en Orient pour créer ses intrigues et ses personnages romanesques s'emploie en même temps à construire une image littéraire, presque mythique, d'un homme errant en exil permanent et en proie aux troubles et incertitudes de la nouvelle France issue de 1789. Sa littérature s'interroge sans cesse sur ce nouveau temps, soit par l'utilisation de figures des cultures américaines indigènes, soit par la présence d'un écrivain-voyageur qui se transforme lui-même, au long de ses promenades et de son existence.

**Mots-clés :** récits de voyage ; littérature du moi ; F.-R. de Chateaubriand

## Périplos de Chateaubriand

As viagens tiveram uma grande importância na vida de Chateaubriand. Seu percurso está marcado por várias itinerâncias com motivações aparentemente diversas: uma expedição à América em 1791, um exílio na Inglaterra em 1793, após os eventos revolucionários, a peregrinação a Jerusalém, passando pela Grécia, uma viagem à Itália e depois outra a Praga por razões políticas, com a queda dos Bourbons em 1830, conforme consta na parte final de suas *Mémoires d'outre-tombe*. Estes são pelo menos alguns dos itinerários que ficaram mais conhecidos em sua biografia por originarem algumas das longas narrativas do escritor-viajante.

Impressões de viagem impregnam seus escritos. Em inúmeras correspondências, temos testemunho das vivências em terras estrangeiras e reiterados comentários sobre a relação estreita entre viagem e literatura na sua vida. Enquanto preparava sua peregrinação a Jerusalém, em 1806, já fazia acordos com a *Mercure de France* para a publicação de relatos dessas jornadas, numa espécie de prática de correspondente estrangeiro. Os textos publicados na revista acabaram sendo raros, na realidade, mas Chateaubriand não deixou nunca de se dedicar a seus diários de viagem, cujos manuscritos ainda são hoje, em parte, conservados, diários esses que eram redigidos com o intuito evidente de se transformarem em matéria literária (BERCHET, 1983, p.93).

Chateaubriand disse ter saboreado vivamente os ímpetos de emancipação e de liberdade à época de sua expedição para a América, além de comprazer-se em seguir os sinais de uma rota sagrada indo até Jerusalém, por exemplo; também, a vida de exilado em Londres teria sido fortemente inspiradora e rica para um espírito curioso que estivesse disposto a integrar-se à sociedade britânica (DIESBACH, 2004, p.108). Mas hoje, conhecendo razoavelmente bem os frutos dessas empreitadas todas e, para além da aura sentimental que envolve a memória desses acontecimentos, tomada às vezes em seu tom folclórico, sabemos que suas experiências de viajante não apenas estiveram na origem das intrigas e da caracterização de personagens de alguns de seus textos mais famosos, como é o caso de *Atala* e de *René*, como também mediaram de forma decisiva sua relação com a literatura. Foi imenso o sucesso daquelas obras à época de sua publicação. Conhecemos o impacto das figuras de *Atala*, *René* e *Chactas*, que vão povoar o imaginário dos leitores europeus,

---

\* Beatriz Gil – Professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

sensibilizados diante das tramas montadas dentro do universo autóctone americano, as quais anunciam, entre outras coisas, o impasse histórico e cultural da dita vida selvagem.

Mas em Chateaubriand a viagem deve também ser entendida como experiência formadora de seu fazer literário, como dispositivo que relaciona a pessoa do narrador e o universo cultural, ou vista ainda como trajeto em que se discutem e se põem em questão as tensões do indivíduo diante de sua própria temporalidade e de seu tempo histórico. De modo recorrente, o movimento do viajante reflete as turbulências de sua existência pessoal combinadas com as agitações do período histórico em que vive.

Retomando nossa cronologia abreviada das viagens do escritor, lembremos ainda que, dois anos após sua viagem à América, abandonando seu país em revolução, em sua mais longa estada fora da França, Chateaubriand se instala por oito anos na Inglaterra, ao longo dos quais exerce atividades incomuns para homens de sua origem social: ensina francês e dedica-se a fazer traduções, atividades que não raramente lhe rendem escassos recursos para a subsistência. No novo ambiente londrino, este então obscuro nobre estabelece laços com a aristocracia imigrante que lá se encontra, encerrada num mundo próprio em que se preservam hábitos e modos de Paris. É na Inglaterra que sua carreira de escritor começa. Seus escritos concentram-se então nos temas políticos e históricos, e, em 1797, ele publica seu *Essai historique sur les révolutions*. Este livro volumoso (de título igualmente longo, *Essai historique, politique et moral sur les Révolutions anciennes et modernes considérées dans leurs rapports avec la Révolution française de nos jours ou examen de ces questions*) analisa as revoluções antigas e inglesa para buscar entender as causas e as repercussões da Revolução Francesa<sup>1</sup>.

É preciso notar o quanto a Revolução Francesa havia criado para todos, sobretudo para os homens políticos, a necessidade urgente de refletir sobre a história contemporânea, e Chateaubriand, acompanhando seu tempo, empenha-se na avaliação desse acontecimento decisivo e estende-se longamente sobre o alcance dos eventos revolucionários de 1789 em seu país. De um lado, sensível à tradição rousseuista e aos ideais iluministas, e, de outro lado, herdeiro dos valores tradicionais da antiga nobreza bretã, ele vai formular um estudo minucioso, no qual— seguindo o modelo dos eruditos tratados históricos

---

<sup>1</sup> Esta primeira obra de Chateaubriand, que não obtém grande sucesso, é escrita no período de seu exílio que durou entre 1792 a 1800, é publicada em Londres primeiramente e conhecida do público francês somente em 1826, por ocasião da publicação de suas *Obras Completas*.

do século XVIII – compara países, épocas e regimes políticos, acompanhando a evolução dos povos e elaborando uma descrição da civilização moderna. E nessa investigação dedica-se também à observação dos novos mundos de além-mar, da América particularmente, exercitando, a exemplo de Montaigne e de Montesquieu, ora um saber provisório e mutante do individual, ora um conhecimento sistematizado do homem erudito.

Estas diretrizes preliminares que informam os interesses intelectuais do escritor serão desenvolvidas em sua primeira obra, o *Essai historique*, e nos fornecem os indícios do amplo espectro de seu projeto e do papel que deverão desempenhar as descobertas de mundos e de culturas distintas na vida do escritor. Pois Chateaubriand também é um historiador que, sem utilizar os meios únicos da historiografia, torna-se historiador pelo ensaio, pela literatura e sobretudo pelo memorialismo. Nos vários textos que escreve, desenvolve um debate intrincado no qual as instâncias do político, religioso e estético se comunicam numa reflexão sobre os valores da cultura ocidental e seu futuro.

Mas enfim o escritor encarnou o viajante em muitos sentidos. Ele percorreu lugares sagrados, como já dissemos, identificando símbolos culturais da humanidade, assenhoreando-se dos sinais e das ruínas dos povos antigos e desaparecidos. Criou para si um périplo de feição iniciática. Como viajante, aprendeu, viu e inspirou-se no contato com novas realidades, mas os significados que a viagem assumiu para o escritor podem ser considerados diferentemente, conforme esta ou aquela obra literária. Se destacamos em *Atala* a utilização das figuras ameríndias na composição do romance e em seu *Essai* chamamos a atenção para uma erudição que confronta povos e organizações políticas, assinalando seu ponto de vista de historiador, no caso do *Itinéraire de Paris à Jérusalem et de Jérusalem à Paris*, é a figura de um viajante propriamente que se constrói e que está em questão; está em jogo aí a elaboração de uma identidade literária fundada na representação do viajante-escritor.

### **Viagens e escrita**

Não será possível, infelizmente, avaliar aqui as principais heranças literárias e retóricas do escritor, mas convém lembrar pelo menos que a prosa de viagem já possuía uma forte tradição na Europa, particularmente na França, e que Chateaubriand estava ligado intelectualmente com esse passado literário. O grande número de anotações de estudos e de manuscritos com suas impressões (uns existentes ainda, outros reiteradamente

mencionados por Chateaubriand, mas nunca encontrados) e a escrita de diários durante suas peregrinações estão no rastro dessa forma de investigação da realidade. Os deslocamentos e descobertas, que buscavam a confirmação dos conhecimentos dos tratados científicos ou históricos, a identificação dos monumentos, dos lugares ou inscrições propagados nos textos bíblicos ou greco–latinos, geraram um conjunto de materiais e de breves narrativas que desembocaram, por vezes, em formas romanescas inovadoras ou mais complexas, como é o caso dos *Martyrs* (1809) e, depois, de *L'Itinéraire* (1811).

O início do século XIX é um período de aceleradas mudanças sociais e políticas, gestando as transformações produzidas em 1789 e criando um novo contexto para a narrativa de viagens, para aquele repertório que já se havia firmado no imaginário do século das Luzes, das viagens iniciáticas abordadas pelos filósofos iluministas que criticavam acidamente a sociedade da época e os poderes do regime monárquico e da Igreja. Claro, os pontos de vista são muitos, e os recursos, inesgotáveis na produção dessas formas narrativas no século XVIII. Mas lembremos apenas da especificidade de um Voltaire com seu *Candide* (1759), que narra o percurso de um jovem intelectualmente ingênuo que, para confrontar suas dúvidas sobre a corrupção generalizada da sociedade, as injustiças sociais e o sofrimento humano, se põe em contato com inúmeras culturas e países que lhe fornecem algumas respostas à sua invariável pergunta: vivemos realmente no melhor dos mundos anunciado pelo mestre Pangloss?

Enfim, Chateaubriand não é um franco–atirador ácido e irônico do teor de Voltaire. Não pretende revelar as incongruências das instituições católicas nem as fragilidades das crenças religiosas, tidas seguidamente como superstições pelos materialistas do século XVIII. Ao contrário, o autor de *Génie du christianisme*, que vive em momento histórico muito distinto – entre 1768 e 1848 –, recupera e recria padrões literários ou procedimentos para repensar a coesão possível numa França pós–revolucionária com suas velhas estruturas sociais e políticas esfaceladas e valores estéticos questionados. Assim, as viagens, para Chateaubriand, não têm apenas função alegórico–satírico–crítica – como vemos nos contos filosóficos de Voltaire ou no romance epistolar intitulado *Lettres persanes*, publicado por Montesquieu em 1721, por exemplo. Primeiramente, uma das vantagens do recurso à literatura de viagem é a mesma que se atribui à prosa de um modo geral: pouco normatizada, estando à margem dos gêneros canônicos, permite a liberdade de criação e mostra–se aberta a experimentações narrativas diversas.

Fazendo uso dessa liberdade narrativa é que se estabelece uma correspondência constante entre o autor–narrador e a experiência do viajante, do *juiferrant*. O Chateaubriand que se *faz estrangeiro* vai compondo seu próprio personagem autobiográfico, representativo da cisão de dois tempos históricos – o do Antigo Regime e o da França pós–Revolução –, tão propagado em sua literatura.<sup>2</sup>

A propósito: viajante era uma das carreiras que Chateaubriand reivindicava para si mesmo quando estabelecia as etapas que definiam sua trajetória. Assim se manifesta o escritor sobre suas três carreiras – as de viajante, de literato e de político – travestidas de atos dramáticos sob sua pena:

Quand la mort baissera la toile entre moi et le monde, on trouvera que mon drame se divise en trois actes. Depuis ma première jeunesse jusqu'en 1800, j'ai été soldat et voyageur ; depuis 1800 jusqu'en 1814, sous le consulat et l'empire, ma vie a été littéraire ; depuis la restauration jusqu'aujourd'hui, ma vie a été politique.

Dans mes trois carrières successives, je me suis toujours proposé une grande tâche : voyageur, j'ai aspiré à la découverte du monde polaire ; littérateur, j'ai essayé de rétablir la religion sur ses ruines ; homme d'état, je me suis efforcé de donner aux peuples le vrai système monarchique représentatif avec ses diverses libertés [...].<sup>3</sup> (CHATEAUBRIAND, 2003–2004, p.1540)

Interessante que estas divisões feitas pelo escritor talvez assinalem mais as marcas de sua reputação pública em cada fase da vida do que as de suas vivências propriamente. Lembremos que, se o início dos anos de 1800 é marcado pelo seu sucesso como romancista com a publicação de *Atala* e de *René*, além do *Génie du christianisme*, e que se, segundo ele,

---

<sup>2</sup> Dirá ele o seguinte sobre seu projeto literário memorialístico : « Si j'étais destiné à vivre, je représenterais dans ma personne, représentée dans mes mémoires, les principes, les idées, les événements, les catastrophes, l'épopée de mon temps, d'autant plus que j'ai vu finir et commencer un monde, et que les caractères opposés de cette fin et de ce commencement se trouvent mêlés dans mes opinions. Je me suis rencontré entre les deux siècles comme au confluent de deux fleuves ; j'ai plongé dans leurs eaux troublées, m'éloignant à regret du vieux rivage où j'étais né, et nageant avec espérance vers la rive inconnue où vont aborder les générations nouvelles. » "Préface testamentaire" (CHATEAUBRIAND, 2003–2004, p.1541). Em tradução livre: "Se me fosse destinado viver, eu representaria em minha pessoa, representada em minhas memórias, os princípios, as ideias, os eventos, as catástrofes, a epopeia de meu tempo, ainda mais que vi terminar e começar um mundo, e que as características opostas deste fim e deste começo estão misturadas em minhas opiniões. Encontrei-me entre dois séculos como na confluência de dois rios; mergulhei nas águas agitadas, lamentando afastar-me do velho rio onde nasci, e nadando com esperança em direção à margem desconhecida onde as novas gerações vão abordar. "

<sup>3</sup> Tradução livre: "Quando a morte baixar seu pano entre o mundo e eu, se notará que meu drama se divide em três atos. De minha primeira juventude até 1800, fui soldado e viajante; a partir de 1800 até 1814, sob o Consulado e o Império, minha vida foi literária; a partir da Restauração até hoje, minha vida foi política. Em minhas três carreiras sucessivas, sempre me propus uma grande tarefa: viajante, aspirei à descoberta do mundo polar; literato, tentei restabelecer a religião sobre suas ruínas; homem de Estado, esforcei-me por dar aos povos o verdadeiro sistema monárquico representativo com suas diversas liberdades [...]." "Préface Testamentaire", 1833.

sua trajetória após a Restauração em 1815 é sobretudo a de um homem de Estado, é evidente que as viagens atravessam toda a sua existência, ainda que com outros objetivos para além da descoberta do mundo polar. Muitas das viagens decorreram, diga-se, de sua atuação de homem público e diplomata, por exemplo.

Há seguramente um impulso inicial e fundamental na formação deste homem viajante que tem forte relação com sua história de juventude, com seus ímpetos rebeldes vividos numa Bretanha banhada por dois mares e tomada de embarcações e expedições marítimas cujo movimento testemunhou. E é neste quadro, contando com o estímulo das leituras de viajantes e exploradores – l'abbé Prévost, Charlevoix, Lahontan, Carver, Lalande, abbé Raynal (*Histoire des deux Indes*, 1772), além de Dante, Petrarca, Virgílio, Horácio – e ajudado por Malesherbes em seus projetos, que Chateaubriand se lança em sua primeira grande empreitada, que foi a de conhecer a América.

Mas este teria sido apenas o primeiro de seus persistentes mergulhos em pátrias estranhas, e, embora, depois da estada na América, as motivações para partir talvez tenham caráter menos voluntarioso e aventureiro, ele deverá planejar meticulosamente as outras expedições – como as da Itália, de Jerusalém, de Praga –, que serão determinantes para a composição dos espaços romanescos em sua literatura e que irão animar suas reflexões até o fim da vida. As viagens serão constitutivas de sua experiência literária – e é sobretudo isto o que nos interessa aqui: sua literatura transformará os deslocamentos (verdadeiros movimentos históricos e geográficos) em objetos de linguagem poética.

A imagem do viajante pode ser uma perspectiva privilegiada para conhecer o pensamento e a concepção literária de Chateaubriand. Para além de um horizonte circunscrito ao espacial e ao histórico-cronológico, sua literatura de viagem explora o campo das indagações subjetivas e do lirismo, da meditação e eventualmente do devaneio. Pois lembremos que Chateaubriand é acima de tudo um narrador de sua própria vida, narrador de sua história familiar. Sua obra vasta, que é composta por estudos históricos, ensaios, romances, epopeia, artigos políticos e memórias, está atravessada por um eu autobiográfico, esteja ele mais ou menos evidente, mais ou menos ficcionalizado.

Mesmo se, nas narrativas de viagem especificamente – notadamente em *Voyage en Amérique* e *L'Itinéraire de Paris à Jérusalem* –, a aventura, a exploração, o anedótico aparecem como aspectos predominantes do gênero, constatamos no autor um nível narrativo inusitado que se abre para as questões sobre a identidade e subjetividade do escritor-viajante. E este

parece ser um aspecto original de sua literatura, originalidade da qual aliás Chateaubriand parecia possuir uma consciência nítida. E nesse sentido J.-Cl. Berchet (1983, p.94–95) reforça a observação mais ou menos generalizada de que Chateaubriand seria o criador de um tipo preciso de literatura de viagem, entendida em termos estritos de viagem realizada por um escritor com o objetivo de escrever. Sem se restringir a uma aventura individual, a *viagem* representaria uma verdadeira missão social do escritor. Sem avançarmos neste debate, bastante interessante aliás, apresentado por Berchet, sobre a inscrição social de sua escrita, que sugere uma socialização do eu em sua relação com o nome próprio, assinalemos simplesmente a natureza bastante particular dessa comunhão entre escrita e viagem, passível de ser designada como *voyage littéraire* em Chateaubriand. Assim, as *viagens* foram bem mais do que alimento temático para sua literatura, constituíram não apenas um formato conveniente, mas forneceram imagens e metáforas para a conformação de sua escrita e, principalmente, propuseram uma visão do mundo e da missão do escritor para o início do século XIX.

Mas é preciso destacar que essa experiência exploratória que privilegia a relação com o mundo externo e com o estranho pode transformar-se facilmente numa narrativa que se relaciona com o romanesco. Sua trajetória ilustra bem esse processo de reunião da itinerância e da literatura. Vejamos. De sua viagem à América extraiu elementos para *Les Natchez*. Entre 1806 e 1807, faz uma viagem ao Oriente em que conhece a Grécia, o Egito, a Palestina, a Tunísia e a Espanha em seu retorno, e esses eventos serão longamente descritos em *L'Itinéraire de Paris à Jérusalem*. Além disso, a obra *Les Martyrs*, epopeia religiosa, revisada e ampliada até sua publicação em 1809, beneficia-se igualmente desse horizonte de experiências.

Note-se que os romances ou narrativas de viagem quase nunca serão publicados no calor do retorno de uma viagem, com a exceção de relatos em jornais ou periódicos. O escritor encontra-se já instalado em sua casa em la Vallée-aux-Loups (1807–1817), no sul de Paris, quando redige *Les Martyrs*, *L'Itinéraire* et *Les Aventures du dernier Abencérage*, por exemplo. Isso não significa, no entanto, a longa maturação de uma única versão, unívoca. Ao contrário, podemos ter diferentes versões para uma mesma viagem. É o caso da viagem à América, que parece ter rendido uma gama de variações e de desdobramentos narrativos: primeiramente, temos a versão romanesca *Les Natchez*, lembrando que, para essa versão, são preparadas as narrativas de *Atala* e *René*; a seguir, a publicação de *Voyage en Amérique*,

e ainda, por fim, temos *Mémoires d'outre-tombe*, onde sua viagem americana também é objeto de descrição e análise. Em geral, em Chateaubriand, a narrativa de viagem será posterior ao romance, e grande parte dos relatos de viagem serão publicados em suas *Obras Completas* de 1826–1831, preparadas por ele mesmo com o objetivo de dar unidade a seus escritos (DIDIER, 1999, p.46). As *Obras Completas* apresentam uma nítida dimensão autobiográfica que se propaga numa enorme publicação composta por 28 volumes. Primeiramente, os prefácios e, a seguir, os estudos e romances aí contidos apresentam frequentemente, sob diferentes tonalidades, um Chateaubriand analista de si próprio, que submete a realidade histórica – a vida dos povos, as instabilidades políticas, as construções e ruínas da civilização moderna, as artes e a poesia – à solidão fundamental e irredutível do indivíduo Chateaubriand, homem de memória, principal protagonista de seus escritos.

Mas, a propósito dessa dimensão autobiográfica, vejamos agora como Chateaubriand descreve a composição de seu *Itinéraire* no prefácio de sua primeira edição:

Dans un ouvrage du genre de cet *Itinéraire*, j'ai dû souvent passer des réflexions les plus graves aux récits les plus familiers : tantôt m'abandonnant à mes rêveries sur les ruines de la Grèce, tantôt revenant aux soins du voyageur, mon style a suivi nécessairement le mouvement de ma pensée et de ma fortune. Tous les lecteurs ne s'attacheront donc pas aux mêmes endroits : les uns ne chercheront que mes sentiments ; les autres n'aimeront que mes aventures ; [...] Au reste c'est l'homme, beaucoup plus que l'auteur que l'on verra partout ; je parle éternellement de moi [...]. (CHATEAUBRIAND, 1969, p.702) <sup>4</sup>

Não seria necessário insistir que, do ponto de vista do gênero, é grande o parentesco entre autobiografia e relato de viagem. Além do aspecto referencial, essas duas formas narrativas se aproximam em outros pontos. De um lado, as autobiografias são muito frequentemente movidas pelos relatos de viagem, e, de outro, as narrativas de viagem, embora possam tomar as liberdades de um eu viajante muito mais acentuadamente ficcionalizado, trazem a marca de uma primeira pessoa que narra e um espaço autobiográfico geralmente não negligenciável (DIDIER, 1999, p.46). E Chateaubriand explora esses

---

<sup>4</sup> "Em uma obra deste gênero do *Itinéraire*, tive que passar seguidamente das reflexões mais graves às narrativas mais familiares: ora abandonando-me aos devaneios sobre as ruínas da Grécia, ora retornando aos cuidados do viajante, meu estilo seguiu necessariamente o movimento de meu pensamento e de minha fortuna. Os leitores não se sentirão todos tocados, portanto, pelas mesmas passagens: uns procurarão somente sentimentos; outros vão gostar de minhas aventuras apenas [...]. De resto é o homem que será visto em todos os lugares e não o autor; eu falo eternamente de mim mesmo[...]. "(Tradução livre.)

cruzamentos. O *élan* do viajante, que tem por traço o movimento e a sensibilidade estética, se materializa pela voz de um autor–narrador–errante.

Talvez por isso a temática da viagem em Chateaubriand esteja longe de exercer uma função de fábula ou um poder meramente exótico em que a representação ou a voz da alteridade sejam preponderantes e falem por si só. Elementos de variedade cultural impregnam sua escrita e contribuem para produzir uma *ficção* de mundos possíveis nos quais vemos uma espécie de hibridismo que modula enredos e personagens. É o caso dos personagens René e Atala, cujas identidades são penetradas por códigos distintos definidos pela divisão Índio–Homem branco, numa polaridade claramente delineada pelos traços da vida selvagem americana, de um lado, e pela tradição cristã ocidental, de outro. O contato que os índios têm com o homem branco afeta seus valores e cria uma espécie de drama sem solução que os personagens carregam e que vão transmitir por algumas gerações. Desta forma, Atala e René trazem cada um em si a mescla de características culturais e religiosas dos indígenas e dos europeus, num claro sincretismo simbólico, que indaga sobre os nortes que a civilização ocidental historicamente fixou e os desafios a serem enfrentados pelas sociedades modernas.

Por outro lado, em se tratando das narrativas de viagem propriamente ditas, estamos dentro do universo autobiográfico–memorialístico do autor. O estilo do relato (de viagem), conforme o quer o escritor, precisa acompanhar o movimento do pensamento do autor, o que significa dizer que as narrações de suas viagens estão submetidas primordialmente a um trabalho de construção literária da subjetividade. E o que fica muito evidente nessa literatura de viagem é que a *cultura* e a *geografia* (re)encontradas e apreciadas no trajeto do viajante impõem–se de forma bastante sensível – ora delicadamente, ora violentamente – a um narrador cuja identidade se define também pela força da história, encarnada pelo Partenon ou pelas Musas ou pelos monumentos que visita pessoalmente. Mas este eu–viajante, de grande erudição, que se apresenta às ruínas de Argos e de Micenas, já está formado antecipadamente pela memória da herança literária que o constituiu. O ato de partir, de viajar seria nesse caso apenas uma prática emotiva, como diz Berchet, que celebraria, por assim dizer, a missa da Literatura (1983, p.106).

Então, “falar eternamente de si mesmo” significaria, na forma narrativa específica da viagem, buscar equacionar formalmente os pontos de fratura e de continuidade entre uma história particular e uma história cultural.<sup>5</sup>

Assim, viagem é experiência e narração, e as narrações de viagem se comunicam e se alteram. No entanto, a variedade narrativa da obra conserva por fio condutor um ponto sensível que vem a ser o olhar do viajante–narrador, que, na frágil construção de seu personagem, do *homoviator*, ao indagar–se permanentemente sobre sua própria natureza histórica, pode assumir características diversas. Algumas dessas características são analisadas por Ph. Antoine em trabalho no qual distingue no narrador as figuras do explorador, do caminhante e do peregrino, respectivamente, nos textos *Voyage en Amérique*, *Voyage en Italie* e *L’Itinéraire*. Para cada narração, uma *máscara* narrativa com ritmo e nuances próprios.

Por fim, é preciso dizer que o que continua a causar impacto no leitor da obra de Chateaubriand ainda hoje é o fato de não haver praticamente nenhuma forma literária à qual se tenha dedicado e em que não flagramos um tom intimista e lírico criando uma síntese direta e brilhante tal como a que ele nos oferece ainda em seu *Itinéraire*: “Mon *Itinéraire* est la course rapide d’un homme qui va voir le ciel, la terre et l’eau, et qui revient dans ses foyers avec quelques images de plus dans la tête, et quelques sentiments de plus dans le coeur” (CHATEAUBRIAND, 1969, p.704)<sup>6</sup>.

A fórmula parece enfim sintetizar com perfeição algumas das representações metafóricas da viagem na literatura de Chateaubriand: a que associa a viagem a uma vida breve, sugerindo uma trajetória humana limitada pelo nascimento e pela morte, a que relaciona a viagem com as variações e inconstâncias da existência (um caminho de estranhas formas a ser percorrido – céu, terra e água) e a viagem do eterno retorno para a casa onde o passado se fixou, viagem que permite uma renovação da memória pelas imagens e sensações que a cabeça e o coração guardam nas andanças pelo mundo afora.



<sup>5</sup> Essa tendência do autor que insiste em falar de si é vista, aliás, como excessiva e inconveniente para Stendhal, que, contrariado, critica a onipresença do eu na literatura de Chateaubriand, este rei dos egotistas, segundo seus próprios termos.

<sup>6</sup> “Meu *Itinerário* é o percurso rápido de um homem que vai ver o céu, a terra e a água, e volta para casa com algumas imagens a mais na mente e alguns sentimentos a mais no coração.” (Tradução livre.)

## REFERÊNCIAS

ANTOINE, Ph. "Chateaubriand voyageur – l'explorateur, le promeneur et le pèlerin : Chateaubriand et l'art de voyager". In : **Société Chateaubriand**, n. 20, p.54–60, 1977.

BERCHET, J.–Cl. "Un voyage vers soi". In : **Poétique**. Paris : Seuil, n. 53, p.91–108, Fev. 1983.

CHATEAUBRIAND, F.–R. de. **Œuvres romanesques et Voyages**, tome 2, Paris : Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1969.

\_\_\_\_\_. **Mémoires d'outre-tombe**. Org. Jean–Claude Berchet, 2 t., Paris : LGF, 2003–2004.

DIDIER, Béatrice. **Chateaubriand, thèmes & études**. Paris : Ellipses, Éditions marketing S.A., 1999.

DIESBACH, Ghislain. **Chateaubriand**. Paris : Éditions Perrin, collection tempus, 2004.